

CONTOS DE MARIA FIRMINA DOS REIS

*SHORT STORIES BY
MARIA FIRMINA DOS REIS*



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
STATE UNIVERSITY OF CAMPINAS

Reitor / *Rector*
PAULO CESAR MONTAGNER

Coordenador Geral da Universidade
General Coordinator of the University
FERNANDO ANTONIO SANTOS COELHO



Conselho Editorial / *Editorial Board*

Presidente / *President*
EDWIGES MARIA MORATO

CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO – DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN
FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES – IARA BELELI – JOSÉ DARI KREIN
MARCO AURÉLIO CREMASCO – PEDRO CUNHA DE HOLANDA
SÁVIO MACHADO CAVALCANTE – VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ-LÓPEZ

CONTOS DE MARIA FIRMINA DOS REIS

*SHORT STORIES BY
MARIA FIRMINA DOS REIS*

PORTUGUÊS / INGLÊS
PORTUGUESE / ENGLISH

INTRODUÇÃO / *INTRODUCTION*
FERNANDA MIRANDA

E D I T O R A
U N I C A M P

R277c Reis, Maria Firmina dos, 1825-1917.
 Contos de Maria Firmina dos Reis = Short Stories by Maria
 Firmina dos Reis / Maria Firmina dos Reis ; introdução: Fernanda
 Miranda ; tradução: Peter Edwards, Mariel Azoubel e Luiza Levy –
 Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2026.

Edição bilingue: português e inglês.

1. Reis, Maria Firmina dos, 1825-1917. 2. Literatura brasileira.
3. Contos brasileiros. 4. Ficção brasileira. 5. Século XIX. I. Mi-
randa, Fernanda R. (Fernanda Rodrigues de). II. Edwards, Peter.
III. Azoubel, Mariel Varjão. IV. Levy, Luiza. V. Título.

CDD - B869.933
- B869.9
- B869.35

ISBN 978-85-268-1940-5

Copyright © Introdução / *Introduction* by Fernanda Miranda

Copyright © 2026 by Editora da Unicamp

As opiniões, hipóteses, conclusões e recomendações expressas
neste material são de responsabilidade das autoras e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

*The opinions, hypotheses, conclusions, and recommendations expressed
in this work are the sole responsibility of the authors and do not
necessarily reflect the views of Unicamp Press.*

Direitos reservados e protegidos pela Lei Brasileira nº 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

*All rights reserved and protected under the Brazilian Law no. 9.610
of February 19th, 1998. Total or partial reproduction is prohibited
without written authorization from the copyright holders.*

Depósito legal na Biblioteca Nacional.

A catalogue record for this book is available from the National Library (Brazil).

Todos os direitos reservados / *All rights reserved*

Editora da Unicamp / *Unicamp Press*

Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar

Campus Unicamp

CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil

Tel.: (19) 3521-7718 / 7728

www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br



SUMÁRIO

CONTENTS

Introdução / <i>Introduction</i> – Fernanda Miranda Maria Firmina dos Reis, uma intelectual negra oitocentista	8
<i>Maria Firmina dos Reis, A Black Nineteenth-Century Intellectual</i>	9
Nota sobre o estabelecimento do texto	40
<i>Editorial Note on the Brazilian Portuguese Text</i>	41
Gupeva: romance brasiliense	42
<i>Gupeva: A Brazilian Romance</i>	43
A escrava	106
<i>The Slave Woman</i>	107

INTRODUÇÃO

MARIA FIRMINA DOS REIS, UMA INTELLECTUAL NEGRA OITOCENTISTA

Fernanda Miranda

Maria Firmina dos Reis foi uma autora negra que escreveu e publicou literatura no século XIX – durante a vigência do regime de escravidão, que vigorou no Brasil até 1888. Essa ligeira descrição introdutória pretende ser capaz de apresentar para o/a leitor/a o perfil impetuoso, inconformado e transgressor que atribui ao nome Maria Firmina dos Reis uma face valente e resoluta, uma face que se afirma perante os contornos do tempo e as dobras do esquecimento.

Seu nome demarca uma história de pioneirismo no âmbito das formas estéticas, pois, com a publicação de seu livro de estreia, *Úrsula*, em 1859, ela tornou-se a primeira autora a publicar um romance no Brasil – possivelmente, em toda a América Latina – e a primeira a fazê-lo em língua portuguesa. Maria Firmina dos Reis também foi a autora que primeiro introduziu o abolicionismo na escrita literária. Coube a uma mulher negra e nordestina, frisa-se, inaugurar a autoria feminina nos territórios da ficção e da escrita do diário no Brasil, com destaque para o *Álbum*. Já com a publicação de “Gupeva” (1861), a escritora afirma a sua presença como uma das pioneiras na história da literatura contística brasileira escrita por mulheres.

INTRODUCTION

MARIA FIRMINA DOS REIS, A BLACK NINETEENTH-CENTURY INTELLECTUAL

Fernanda Miranda

Maria Firmina dos Reis was a Black author who wrote and published literature in the nineteenth century, during the regime of slavery that prevailed in Brazil until 1888. This brief introduction presents the impetuous, non-conformist and maverick spirit that imbued Maria Firmina dos Reis with the bravery and determination needed to assert herself against the forces of her time and the resulting oblivion.

Her name marks a history of pioneering achievement within the sphere of aesthetic forms, for with the publication of her debut novel, *Úrsula*, in 1859, she became the first woman to publish a novel in Brazil – possibly in all of Latin America – and the first to do so in the Portuguese language. Maria Firmina dos Reis was also the first author to introduce abolitionist ideas into literary writing. It is of special note that it fell to a Black woman from Northeastern Brazil to introduce female authorship into the realms of fiction and journal writing in Brazil, with a particular emphasis on *Álbum*. With the publication of “Gupeva” (1861), the writer established her position as a pioneer in the history of Brazilian short fiction written by women.

O esquecimento de autores/as à margem do cânone, um mecanismo que se articula nas múltiplas camadas do sistema literário brasileiro, é responsável por tornar ausente de sua constituição aquelas autorias dissidentes do padrão – que, no Brasil, é invariavelmente estabelecido pela intersecção de raça, gênero e classe: branco, do gênero masculino e das classes mais abastadas.¹ Em decorrência desse apagamento, Maria Firmina dos Reis permaneceu uma ilustre desconhecida de nossas letras até muito recentemente, quando seu nome passou a ressignificar a presença da mulher negra desde a arquitetura de fundação da literatura brasileira moderna. Em razão desse processo de apagamento, o conhecimento que temos sobre a autora está em construção, e paulatinamente se fortalece por meio de atos de pesquisa grandiosos – de pesquisadores/as de várias regiões e áreas de estudo –, que ampliam as formas de leitura e circulação da autora em nosso tempo.

O primeiro desses atos de pesquisa grandiosos indubitavelmente veio de Nascimento Moraes Filho (1922-2009), grande autor e pesquisador da literatura maranhense e responsável pela “redescoberta” de Maria Firmina dos Reis, a quem devemos quase tudo que sabemos sobre a escritora hoje. Como resultado de uma pesquisa aprofundada, que buscou redimir uma das maiores lacunas da historiografia literária brasileira, o autor lançou, em 1975, o fundamental trabalho “Maria Firmina dos Reis, fragmentos de uma vida”, no qual reuniu dados levantados por meio de múltiplas fontes, incluindo a ida *in loco* ao sítio onde viveu Firmina. Lá, entrevistou diversas pessoas que a conheceram e cuja memória preservada compôs os contornos da imagem que temos dela hoje, dado

The relegation of authors to the margins of the literary canon, a mechanism articulated by the multiple layers of the Brazilian literary system, is responsible for excluding voices divergent from that standard, which, in Brazil, is invariably established by the intersection of race, sex and class: White, male and privileged.¹ As a result, Maria Firmina dos Reis remained an unknown luminary of Brazilian literature until quite recently, when contemporary scholarship began to resignify the presence of Black women within the founding architecture of modern Brazilian literature. Due to this historical erasure, our knowledge of the author is under construction, gradually gaining strength through ambitious research efforts in various regions and fields of study that have expanded the reading and circulation of her work.

The first of these grand research endeavors came from Nascimento Morais Filho (1922-2009), a prominent author and scholar of the literature of Maranhão who was responsible for the “rediscovery” of Maria Firmina dos Reis and to whom we owe almost everything we know about the writer today. In 1975, the product of an in-depth study that aimed at filling one of the widest gaps in the history of Brazilian literature, he published the seminal work *Maria Firmina dos Reis: Fragmentos de uma Vida*.¹ In this volume, he included data gathered from multiple sources, including an *in loco* research visit to the smallholding where she had lived. There, he interviewed people who had known her and whose memories formed the outlines of the image we have

que não foi encontrado, até o momento, nenhum registro fotográfico de Maria Firmina dos Reis: “Rosto arredondado, cabelo crespo, grisalho, fino curto, amarrado na altura da nuca; olhos castanho-escuros, nariz curto e grosso; lábios finos; mãos e pés pequenos; meã [1,54, pouco mais ou menos], morena”.²

Maria Firmina dos Reis nasceu em 11 de outubro de 1825, uma terça-feira, na capital do Maranhão, sob o sol da liberdade. Filha natural de Leonor Felipa dos Reis, de quem só sabemos o que restou registrado no arquivo oficial da colônia: que fora tomada como posse pelo Comendador Caetano José Teixeira, posteriormente negociada e libertada por Baltazar José dos Reis, pai de Francisco Sotero dos Reis. Leonor já era alforriada quando Firmina nasceu.³

A menina cresceu em uma região afastada da ilha, em um núcleo matriarcal: “ela não fala [em seus diários pessoais] de nenhum homem, nem pai, nem avô, nem irmão, mas da avó, que cultivava flores e da irmã e da prima, amigas de infância”.⁴ Como síntese biográfica de seus primeiros anos, sabemos que, durante algum tempo, ela morou com a avó materna e, aos cinco anos, mudou-se para a casa da tia – também materna –, Henriqueta Romana dos Reis, na vila São José de Guimarães. Foi para lá com sua irmã, Amália Augusta dos Reis, e a prima, Balduina Amália dos Reis. Viveu boa parte de sua vida com a tia. Também fazia parte do núcleo familiar um primo materno, Francisco Sotero dos Reis, cuja biblioteca Firmina frequentava.

Sua vida sempre esteve marcada pela conjunção entre conhecimento, autonomia e coragem. Aos 22 anos, Firmina tornou-se a primeira professora concursada de Guimarães. Foi nessa profissão que

of her today, since no photographic record of Maria Firmina dos Reis has yet been found; “Round face, short, fine, greying, tightly coiled hair tied back at her neck; dark brown eyes, short, wide nose, thin lips; small hands and feet; of medium stature [a little over or under 1.54 m]; of brown complexion”.²

Maria Firmina dos Reis was born in the capital of Maranhão on Tuesday, October 11, 1825, freeborn as the natural daughter of Leonor Felipa dos Reis. Our knowledge about Leonor is limited to the records in the official colonial archives, which show that she was owned by Comendador Caetano José Teixeira and later negotiated and manumitted by Balthazar José dos Reis, the father of Francisco Sotero dos Reis. Leonor had already obtained her freedom when Firmina was born.³

She grew up in a remote region of the island in a matriarchal nucleus: “she did not speak [in her personal journals] of any men, not father nor grandfather nor brother, but of her grandmother, who grew flowers, of her sister and her cousin, friends from childhood”.⁴ As a biographical summary of her early years, we know that she lived with her maternal grandmother until the age of five, when she went to live with her aunt, Henriqueta Romana dos Reis, also on her mother’s side, in the village of São José de Guimarães. It was there that she spent a good part of her life with her sister, Amália Augusta dos Reis, her cousin, Balduina Amália dos Reis and her aunt. A maternal cousin, Francisco Sotero dos Reis, whose library Firmina frequented, was also part of the family unit.

Her life was always marked by the conjunction between knowledge, autonomy and courage. At the age of twenty-two, Firmina became the first public school teacher in Guimarães, her profession until

atuou até se aposentar. Depois de aposentada, fundou a primeira escola mista – isto é, que incluía meninas – gratuita do país, ativa até 1890. Nunca se casou nem teve filhos biológicos, mas adotou onze. Maria Firmina dos Reis dedicou mais de quarenta anos de sua vida ao ensino e mais de cinquenta à literatura, “percorrendo uma trajetória social que consolidará a sua atuação enquanto uma intelectual comprometida com seu tempo e seu espaço”.⁵

Projeto literário

A trajetória de Maria Firmina dos Reis pode ser sintetizada em três pilares éticos: a produção e partilha de conhecimento, a transgressão aos limites impostos às mulheres no século XIX e o questionamento da razão escravocrata e da imaginação nacional contida nela. Em todas essas frentes ela lutou e, na maior parte do tempo, o fez através da linguagem. Sua obra é extensa e amplia-se por diversos gêneros, como romance, conto, poesia, enigma, charada, novela, diário, canção, prosa poética. Foi também marcante sua colaboração com a imprensa maranhense, por meio da publicação de textos em diversos jornais de prestígio à época.

Em 1860, publicou alguns poemas como colaboradora do jornal *A Imprensa*, assinando com as iniciais M. F. R. Em 1861, começou a publicar “Gupeva: romance brasiliense”, no jornal *Jardim das Maranhenses*. Em 1863 e 1865, novamente publicou “Gupeva” nos jornais *Porto Livre* e *Eco da Juventude*, respectivamente. Alguns anos depois, em 1871, lançou

retirement. After retiring she founded the first free, mixed school – that is, one that included boys and girls – which functioned until 1890. She never married or had biological children, but she adopted eleven. Maria Firmina dos Reis dedicated more than forty years to teaching and more than fifty to literature, “following a social trajectory that would consolidate her role as an intellectual committed to her time and space”.⁵

Literary project

The trajectory of Maria Firmina dos Reis can be summarized by three ethical pillars: the production and sharing of knowledge, the transgressions of the nineteenth-century and restrictions imposed on women, and the fundamental challenge to the rationale of slavery and its impact on the national mindset. She struggled on all these fronts and most often did so through language. Her body of work is extensive and encompasses different genres, such as novels, short stories, poetry, enigmas, charades, novellas, journals, songs and poetic prose. Her collaboration with the Maranhão press, through the publication of texts in various prestigious newspapers of the period, was also impressive.

In 1860, she published several poems in the newspaper *A Imprensa*, signing with her initials, M. F. R. The following year, she contributed to the influential poetry anthology *Parnaso Maranhense* and began publishing “Gupeva: A Brazilian Romance” in the newspaper *Jardim das Maranhenses*. The work was subsequently republished in the *Porto Livre* in 1863 and the *Eco da Juventude* in 1865. She also published

seu livro de poesia *Cantos à beira-mar*. A autora participou da importante antologia poética *Parnaso Maranhense* (1861), publicou, no *Almanaque de Lembranças Brasileiras* (1863, 1868), um artigo de título “Minhas impressões de viagem” (1872) e escreveu o diário *Álbum* (1835-1903), além de várias charadas e enigmas. Compôs músicas clássicas e populares (“Auto de bumba meu boi”) e musicou os “Versos da garrafa”, tradicionalmente atribuídos a Gonçalves Dias. Alguns anos antes da abolição da escravidão, publicou, no número três da *Revista Maranhense*, seu conto “A escrava” (1887). *Úrsula* (1859), publicado à altura dos seus 34 anos pela Tipografia do Progresso, é seu livro de estreia e sua obra de maior impacto até hoje. Trata-se do primeiro romance brasileiro no qual o sujeito negro é inscrito na primeira pessoa do discurso ficcional, rompendo com o enquadramento representacional que o consolidava como escravizado, desumanizado e animalizado na literatura nacional.

Em cada um dos gêneros em que escreveu, Maria Firmina dos Reis vinculou-se aos parâmetros estéticos vigentes em seu tempo de escrita, imprimindo em todos eles o acento particular que traduzia seu lugar no mundo. De fato, ela estava informada dos códigos literários de seu tempo – desde os regimes estilísticos valorizados para o que se considerava boa literatura até os mecanismos de circulação e recepção que vigoravam nos diferentes discursos. Firmina escreveu durante o romantismo, e sua obra é profundamente romântica. Isso pode ser percebido em diversos ângulos de sua produção, desde as formas de elaborar o amor como experiência não realizável; as paisagens taciturnas, noturnas, góticas; a representação dos

works in the *Almanaque de Lembranças Brasileiras* in 1863 and 1868. In 1871, she released her poetry collection, *Cantos à beira-mar*, and in 1872 wrote a travel essay titled “Minhas impressões de viagem.”ⁱⁱ She wrote prolifically in her journal *Álbum* (1835-1903), in addition to authoring various charades and enigmas. She composed both classical and popular (“Auto de bumba meu boi”) music and wrote the score to “Versos da garrafa,” traditionally attributed to Gonçalves Dias. In 1887, just prior to the abolition of slavery, she published her short story “The Slave Woman” in the third edition of the literary journal *Revista Maranhense. Úrsula* (1859), published by the Tipografia do Progresso Printing House when she was thirty-four years old, was her debut novel and her most impactful work. It was the first Brazilian novel in which a Black protagonist narrates the story in the first person, breaking with the representational framework that established Blacks as enslaved, dehumanized and animalized in the national literature.

In each of the genres in which she wrote, Maria Firmina dos Reis was integrally linked to the stylistic conventions of the period, while imbuing them with the distinctive voice that reflected her place in the world. In fact, she was well acquainted with the literary codes of her time – from the prevailing stylistic norms that defined good literature to the current channels of circulation, reception and critical debate. Writing during the era of Romanticism in Brazil, she was profoundly influenced by its aesthetic. This can be seen throughout her work: in her portrayal of love as unattainable, in her taciturn, nocturnal, and often gothic landscapes, in her detailed descriptions of

elementos naturais da flora brasileira; a expressão dos sentimentos e a crítica às convenções que orientavam as relações sociais. Sobretudo, seu projeto literário se vinculava à construção da nação e aos sentidos da nacionalidade e do sujeito nacional.

É justamente nesse aspecto que se pode observar, na obra de Maria Firmina dos Reis, a luz de um fértil paradoxo: se por um lado ela estava em acordo com o principal núcleo ético-estético do romantismo – qual seja, a criação de uma imagem/representação da nação –, por outro, seus textos provocavam dissidências do mero elogio à ideia de uma nação brasileira constituída harmonicamente pela miscigenação. Em contraponto crítico a essa ideia, uma mais real se compunha nos textos firminianos: a de que o Brasil residia sob uma violência fundadora, impeditiva de qualquer concepção de futuro, principalmente porque a nação que se desejava e que se arquitetava nos textos românticos impelia o indígena e sua cultura à morte e o negro à violência absoluta, destituindo-os de sua humanidade.

O romance *Úrsula* é um grande exemplo dessa matriz paradoxal no projeto literário firminiano, dado que se move entre a sincronia e a disforia com os códigos de seu próprio tempo: entre a tradição estética e a dissonância de valores; o enfrentamento como conduta intelectual e o silêncio que lhe foi imposto pela historiografia literária brasileira. O texto, primeiro a constituir um universo representativo para o sujeito negro em signos de humanidade, subjetividade e pertencimento ético, estabelece uma mediação ficcional para a voz da pessoa negra que fala por si própria, sem a ingerência do sistema nacional que a tomava como escravizada e, portanto, sem qualquer possibilidade de voz, autoconsciência ou soberania.

Brazilian flora, in her expression of emotion, and in her critique of the social conventions that govern human relationships. Above all, her literary project was linked to the construction of the nation and to fostering a sense of national and civic identity.

It is precisely in this respect that a fertile paradox emerges in the work of Maria Firmina dos Reis. While she worked within the main ethical/aesthetic framework of Romanticism – the construction of an image of the nation – she also dissented from mere praise of Brazil as a harmonious nation founded on miscegenation. In critical counterpoint to this idea, her writing reflects a more realistic interpretation: that Brazil was built upon foundational violence, an obstacle to any vision of the future. This was mainly because the nation envisioned and constructed in Romantic literature drove the Indigenous peoples and their culture towards extinction and subjected Black people to absolute violence, depriving them of their humanity.

The novel *Úrsula* exemplifies the central paradox of Firmina's work, in that it moves between alignment with and critique of the conventions of her own time: between the aesthetic traditions and the dissonance in their values, between intellectual engagement and the silence imposed upon her by Brazilian literary history. As the first text to construct a universe offering humanity, subjectivity and ethical belonging to Black people, it establishes a fictional platform for the Black voice to speak for itself, without the interference of a national system that treats it as enslaved and, therefore voiceless, without self-awareness or sovereignty.

Contudo, não foi apenas no suporte literário do romance que Maria Firmina dos Reis construiu seu legado, responsável por tornar mais complexa a história da produção dos sentidos em torno da nação e de seus pilares éticos-literários. Também em sua produção contística, com destaque para os contos “Gupeva” e “A escrava”, ela registrou caminhos que levavam a outros horizontes de interpretação da nação. No primeiro caso, o fez por meio da incorporação do indígena na narrativa, e no segundo, pelo gesto de submeter a própria mentalidade nacional à análise crítica, através da composição de seus equivalentes sensíveis no âmbito da estrutura do conto, com foco principal na mulher negra.

“*Gupeva: romance brasiliense*”

“Gupeva: romance brasiliense” possui uma história de publicação interessante. Originalmente, o texto foi publicado, entre outubro de 1861 e janeiro de 1862, em versão incompleta no periódico semanal *O Jardim das Maranhenses*, sediado em São Luís. Depois, uma versão completa e revista foi publicada mais duas vezes em importantes periódicos maranhenses do século XIX: em 1863, saiu no jornal *Porto Livre* e em 1865, no jornal *Eco da Juventude*, que republica o texto dividindo-o em cinco partes e com pequenas alterações observáveis em seus números 14, 15, 16 e 17.⁶ Em 1975, José Nascimento Moraes Filho publica a versão atualizada do texto em seu livro *Maria Firmina: fragmentos de uma vida*.

Quando lançou “Gupeva”, Reis já era conhecida no meio literário maranhense. Com essa obra, demonstra sua posição dentro da principal mídia de circulação